

BASES PARA A APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

*Isa Maria Carneiro Gonçalves**

*Marilda Carneiro Santos***

*Valdenita Suely Tôrres e Torres****

RESUMO — *Este trabalho evidencia uma reflexão sobre as bases de aprendizagem da língua estrangeira, a partir da nossa experiência como professoras de prática de ensino. Destacamos ser a motivação um dos pilares para o avanço em qualquer situação de aprendizagem, o que tem sido deixado de lado em instâncias como a escola pública. Um outro pilar, ao qual nos referimos, com bastante rigor, é o professor competente como a melhor base de sustentação na efetiva aprendizagem.*

PALAVRAS-CHAVE: *Processo ensino-aprendizagem. Motivação. Professor competente.*

INTRODUÇÃO

Nosso interesse em realizar este artigo surgiu, exatamente da experiência como docentes de Língua Estrangeira de Ensino Fundamental e Médio, e de Metodologia e Prática de Língua Estrangeira em uma universidade pública, a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), oportunidade em que desenvolvemos projetos e programas, os quais propiciaram que observássemos, de perto, problemas e complexidade pertinentes ao ensino de uma língua estrangeira (LE).

Em dias de tão alardeado avanço tecnológico, todas as pessoas que se dizem escolarizadas se remetem a, pelo menos,

* Prof. Assistente (DEDU/UEFS). E-mail: goncalves.isa@ig.com.br

** Prof. Adjunto (DEDU/UEFS). E-mail: marilda.cs@terra.com.br

*** Prof. Titular, Aposentada (DEDU/UEFS). E-mail: rosaviva@uefs.br

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação. Tel./Fax (75) 3224-8084 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: educacao.uefs@gmail.com

uma leitura instrumental em outro idioma para melhor acessar possibilidades de crescimento pessoal. Para isso, diversos elementos se conjugam, a fim de dar conta da aprendizagem de uma língua estrangeira, mas considera-se que o “estar motivado para aprender” constitui a melhor forma de aprendizado, independentemente da metodologia a ser utilizada. Acredita-se que para manter a motivação pela língua que escolheu, o aluno precisa se engajar no processo, conscientizar-se de que tem de “aprender a aprender” e ser capaz de assumir uma parte da responsabilidade de sua aprendizagem.

Em verdade, cada um de nós já traz, imanente, o desejo de conhecer o exótico, conforme é sustentado pela psicologia da diferença. Quando da necessidade de adentrar este mundo desconhecido, através da caravela da língua estrangeira, dá-se, início, então, à corrida para os cursinhos, a princípio com o entusiasmo da oralidade e, diante das dificuldades do alcance, por vezes, ao menos pelo desejo de obter nível razoável de leitura para a compreensão daquilo que requeira algo que esteja além da leitura meramente instrumental.

Com isso, queremos dizer que a motivação já existe, em parte, previamente trabalhada pelo próprio contexto em que se vive. Apesar disso, os resultados obtidos não se mostram satisfatórios quanto à efetivação da aprendizagem. Esta constatação mostra que um outro ponto deve ser colocado – a desmotivação – esta que se instala por conta de questões estruturais, a exemplo de: o Brasil quase não fazer fronteira com outros países de idiomas tão diferentes; os cursos livres de idiomas estrangeiros serem privilégios das classes mais abastadas, considerando-se as taxas de mensalidade que não se encontram ao alcance da maioria das pessoas, etc. Dentro desse contexto, que congrega tal gama de percalços, o conceito de motivação fica esvaziado.

Começamos, então, o nosso trabalho a partir da motivação, entendendo, entretanto, que outros elementos básicos vêm compor toda a tessitura da aquisição da língua estrangeira. É básica a consideração da bagagem que o aprendiz traz e pode transferir para esse tipo de aprendizagem. Embora haja quem acredite que, na infância, não se pode chegar à competência

da esfera analítico-conceitual, podem-se considerar os componentes concretos que influem para as novas aquisições. Isso posto, necessidades de comunicação podem ser exploradas de igual forma para os primeiros passos no ensino da outra língua e, além dessas necessidades, há de haver uma consciência, por parte de quem ensina, de que mesmo é o caso da observância dos fenômenos, lingüísticos e o seu papel real na comunicação. Assim, é oportuno que reflitamos sobre a aprendizagem efetiva da língua estrangeira, também, após a utilização mais segura da comunicação na língua materna.

Consideremos agora o alcance da aprendizagem em questão, e, então, entendemos que há pessoas em cujo currículo aparece a habilidade de leitura, outras a de oralidade. Tomamos então a aprendizagem a partir do objetivo traçado. Nessa altura, duas questões se impõem: nos cursos instrumentais, os alunos têm alcançado bons níveis de compreensão na habilidade proposta? Nos cursos regulares de língua estrangeira tem-se alcançado a comunicação oral e escrita, a ponto de haver, naturalmente, contextos reais de interação?

Em verdade, não há bases para a aprendizagem, se não existem bases para o ensino. Perguntaríamos, dessa maneira, então, quem são os promotores do ensino? Não se pode negar que a pergunta é um tanto quanto retórica e então adentraríamos um pouco pela resposta que pode advir de descobertas recentes: de novos conceitos na psicologia, na pedagogia, em navegações pela *internet*; de condições de melhor nutrição a partir da própria merenda escolar; de formação continuada do professor. Tudo isso pode ser entendido como bases promotoras do ensino e da aprendizagem geral. Entretanto, ainda se pode considerar o professor como o verdadeiro instigador da produção do conhecimento. Arrolam-se blocos completos de pensamentos, conceitos, valores e atitudes para que, no processo ensino-aprendizagem, o professor apareça como o iniciador da abertura desses blocos, conduzindo os saberes de forma a serem reestruturados e recriados pelo conjunto de pessoas à sua volta. E assim, se perpassa pelo ponto reflexivo de que, não se muda a aprendizagem sem se mudar o ensino e, conseqüentemente, não se muda o aluno se não se muda o professor, umas das bases concebíveis,

quem sabe, em relação ao fato de o aluno ser mal-sucedido nesse processo.

Dando seguimento às reflexões acima colocadas, o que tem ocorrido ao longo do tempo é que a responsabilidade sobre o papel formador do processo ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras tem sido, tacitamente, retirado da escola regular e atribuído aos institutos especializados no ensino de línguas. Assim, quando alguém quer ou tem necessidade, de fato, de aprender uma língua estrangeira, inscreve-se em cursos extracurriculares, pois não se espera que a escola de nível médio cumpra essa função. Neste início de novo milênio, não é possível continuar pensando e agindo dessa forma. É imprescindível restituir ao Ensino Fundamental e Médio o seu papel de formador. Para tanto, é preciso ressignificar, de maneira geral, a concepção de ensino e, em particular, a concepção de ensino de línguas estrangeiras.

O Ensino Médio possui, também, entre suas funções, um compromisso com a educação para o trabalho e, embora a proficiência em língua estrangeira seja, hoje, uma necessidade básica na formação do indivíduo, nosso sistema de ensino fundamental e médio, tanto público quanto particular, mostra uma flagrante incapacidade de proporcioná-la. É importante encarar a LE, como disciplina curricular do Ensino Fundamental e Médio, em pé de igualdade com outras já reconhecidas e tornadas obrigatórias, destacando alguns pontos que consideramos fundamentais no que se refere a essa aprendizagem. (Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), códigos e suas tecnologias, Língua Estrangeira Moderna (LEM). Brasília: MEC, 1999. pp 49-63).

Diante desse quadro, pontuamos alguns problemas que estão sempre evidenciados em observações e relatos de estagiários das práticas de ensino da universidade em que desenvolvemos nossas atividades: 1) Não definição de objetivos; 2) Prática distanciada dos objetivos reais; 3) Número excessivo de alunos por turma; 4) Imposição da escolha da língua; 5) Aulas centradas na gramática (regras gramaticais descontextualizadas); 6) Número de horas semanais reduzidas; 7) Não valorização da disciplina; 8) Falta de material didático adequado; 9) Falta de relação

entre professor x alunos; 10) Falta de relação entre alunos x alunos; 11) Falta de elementos motivacionais extrínsecos para a aprendizagem da língua; 12) Falta de auto-confiança; 13) Problemas na formação inicial e continuada do professor

Dessa forma e a partir dos itens apresentados, pensar uma nova abordagem para o ensino de LE implica, também, pensar a relação professor/aluno na sala de aula. O professor é parte fundamental do processo como mediador, o que faz a ponte entre o aluno e a cultura, o conhecimento e as formas de apropriação desse conhecimento. Ele deve monitorar, explicitar, oferecer possibilidades na resolução de problemas, enfim, pôr-se nessa relação, intervindo, via diálogo, como um dos interlocutores privilegiados. Em nenhuma hipótese, deve o professor valer-se desse privilégio e auto-apresentar-se como o detentor absoluto do saber, antes, de criar possibilidades que apontem para uma prática pedagógica discursiva de múltiplas formulações.

Partindo desse princípio, não se pode dizer que já não haja um ganho na formação do professor. Os textos de profissionais da educação, como Nóvoa, Schon, Morin, Perrenoud, entre tantos outros, têm sido discutidos amplamente, e, se não estão ainda colocadas em prática propostas que se coadunam com o pensamento desses notáveis, o processo sensibilizatório já foi dado início. Mas, resta algo que poderia dizer tudo, ou seja, o compartilhamento de idéias explodidas na prática de sala de aula, o que faz realmente a aprendizagem acontecer.

Fórmulas podem até existir como fontes inspiradoras para cada caso, cada sala de aula. Cabe, porém, ao professor prosseguir a leitura de textos pedagógicos e, dessa profundidade, extrair as próprias bases para uma melhor qualidade de ensino/aprendizagem.

A partir do entendimento real da aprendizagem efetiva, surgem, como conseqüência, as conexões entre os objetivos e a proposta de trabalho (metodologia, estratégias e material). Com relação à língua estrangeira, toda uma macro-estrutura tem de ser estabelecida: professores competentes nas 4 (quatro) habilidades de ouvir, falar ler e escrever (ainda que, para isso, precisem demorar mais tempo estudando o outro idioma); situações de avanço do aluno, constatadas a cada dia; retroalimentação

de assuntos que não foram devidamente aprendidos; estruturação de novas unidades de trabalho, situações de exposição do aluno em circunstâncias de evidência de aprendizagem. Obviamente que não se é tão ingênuo de pensar em uma macro-estrutura, sem pensar em quantificar professores, alunos e materiais, nessa tarefa complexa, fazendo-se as devidas redistribuições.

E a nossa realidade (escolas e outras instâncias de ensino-aprendizagem), dão testemunho perfeito da metáfora tão sabiamente colocada pelo poeta Carlos Drummond de Andrade no poema *Os inocentes do Leblon*:

Os inocentes do Leblon
não viram o navio entrar.
trouxe bailarinas?
trouxe imigrantes?
Trouxe um grande rádio?
Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,
mas a areia é quente, e há um óleo suave
que eles passam nas costas, e esquecem.
(CDA, 1987)

Os alunos, à semelhança dos inocentes do Leblon, não se dão conta do papel de não aprendizes e nem nós, professores, nos damos conta do exercício do faz-de-conta no magistério, chegando mesmo a alardearmos a nossa profissão como uma das mais desprestigiadas imerecidamente. Parece ser um contra-senso o nosso grito, vez que, todo prestígio é atrelado a fatos notórios pela coletividade.

Retomando o aspecto do nosso foco (bases para a aprendizagem da língua estrangeira), chega-se à proposição do professor competente nas 4 (quatro) habilidades, porque elas vão se entrelaçar em um determinado momento. O aprendiz pode se dar ao luxo de dizer que só sabe ler em inglês, francês ou outra língua, mas não sabe falar esses idiomas que são sempre apresentados nos currículos. Contudo, o professor tem de estar preparado, tanto para ler quanto para falar e, ainda, escrever no idioma estrangeiro para o qual se preparou para ser instrutor. Só assim ele vai saber conduzir um grupo à

habilidade que se fizer necessária; depois de uma real sondagem, as bases para a aprendizagem eclodirão.

Bases são bases, esteio para aprendizagem de algo novo. Se o professor souber explicar os padrões utilizados no texto ajudando o aluno a extrair informações gerais ou específicas, ele deve saber utilizar esses padrões na escrita e utilizá-los na oralidade. Caso contrário, as suas aulas vão ficar sem sustentação e sem expediente de explicação. Bases reais são apontadas por profissionais que, com o domínio da língua como um todo, envolvendo os sistemas de som, vocabulário e padrões gramaticais, são capazes de atrelar metodologias a objetivos, reestruturando, a cada encontro, novas maneiras de atingir esses objetivos, previamente traçados. O mestre capaz é, por conseguinte, alinhado como uma das bases, a primeira responsável pelas estratégias diversas que alcançarão o objetivo inteligentemente vislumbrado e traçado. A motivação, já pincelada anteriormente, também está alinhada, assim como o aproveitamento de toda a bagagem do aluno como lastro subsunso para a nova aquisição.

Os automatismos na língua estrangeira também se constituem em bases fortes para serem apossadas por qualquer aprendiz em nível inicial e que tenha como propósito a oralidade. Como chamamos a atenção, anteriormente, primeiro sugerimos que aconteçam as interações, depois a comunicação esclarecida e então os automatismos. De fato, as “bases reais” dos inúmeros métodos não são sustentadas e acompanhadas para que se deixem constituir num pressuposto teórico básico. Quem sabe, este seja o momento de melhor preparar essa sustentação, através da formação inicial e continuada. Caso contrário, todo esforço poderá ruir pela falta de interlocução entre método e realidade, teoria e prática, professor e aluno.

Colocamos, então, para mais adiante, discussões severas sobre o que, até aqui, temos considerado ser básico para a efetiva aprendizagem, posto que não se esgota um assunto que na sua essência é fulcro, é sustentação ainda pouco perceptível em se tratando do verdadeiro processo de assimilação real da comunicação da língua estrangeira.

LEARNING A FOREIGN LANGUAGE: FOUNDATIONS

ABSTRACT — *This Work reflects upon the basis of the foreign language learning, starting from our experience as English teachers in teaching courses. We point out motivation as an important foundation to improve knowledge under any circumstances as well as the competent teacher who can be a great support to effective learning. We also emphasize the role of public schools concerning the learning process and its motivation for students in general.*

KEY WORDS: *Learning process. Motivation. Competent teacher.*

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Seleção em prosa e verso**. Rio de Janeiro:Record, 1987

BRASIL, Ministério de Educação. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais- língua estrangeira moderna**. Brasília, DF: MEC, 1999.

NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1995.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos In: NÓVOA, Antonio (Org.) . **Professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

VIGOTSKY, L .S . **A Formação social da mente**. S. Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem**. 5. ed. S. Paulo: Martins Fontes, São Paulo, 1995.